

RESENHAS

Versão original

VIOLÊNCIA E POTÊNCIA: CRÍTICA DO RACISMO E UTOPIA ANTIRRACISTA

CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA

Achille Mbembe. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018. 320 p.

Crítica da razão negra é um livro provocador. É provocador porque interpela o leitor, o convoca a refletir a cada página. Não é uma obra de leitura fácil e rápida. Pede pausas para respirar, cogitar, sentir, antes de prosseguir. É provocador, também, pois, nesse movimento convocatório, provoca a dor, ao menos naqueles que não são insensíveis à face brutal da experiência humana. Mas a dor pode ser instauradora de uma nova postura. Não há crescimento sem dor, diz um ditado francês. Assim, o livro é também portador de esperança.

Ele foi escrito por Achille Mbembe, professor de História e de Ciência Política na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul, e na Duke University, nos Estados Unidos. Autor de *De la postcolonie: Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*, teve também o *Sair da grande noite: Ensaio sobre África descolonizada* e o *Necropolítica* publicados em português. A obra objeto desta resenha revela a densidade e erudição do seu autor, que mobiliza áreas do saber que vão da Filosofia aos estudos pós-coloniais, passando pela História, pela Psicanálise e pela Literatura. Porém, a despeito da complexidade das análises, a narrativa é envolvente, remetendo à prosa poética.

“O devir-negro do mundo”, subtítulo da introdução, traz um convite à leitura, em que o autor situa o contexto histórico-social no qual o livro foi produzido, aquele em que a Europa deixou de ser o centro da gravidade internacional, mas também o da globalização dos mercados, da privatização do mundo e da crescente complexificação da economia financeira, do aparato militar e dos dispositivos informacionais. Essa etapa do capitalismo em que já não há trabalhadores, mas empreendedores de si mesmos, e em que o drama do sujeito subalternizado não é mais o de ser explorado pelo capital, mas o de ser relegado a uma humanidade supérflua, sem qualquer utilidade para a produção do lucro, sinaliza para a universalização da condição negra. Pela primeira vez na história humana, o referente negro remete não apenas aos povos de origem africana, mas a todos os corpos vulneráveis, fabricados em escala mundial pelas políticas neoliberais e securitárias, pelas novas guerras de ocupação e predação e pelas práticas de zoneamento.

Seis capítulos encadeiam-se para produzir uma mensagem central: o negro e a África foram objeto e palco de violências que revelam a bestialidade da civilização ocidental. Mas, a despeito disso, são também potência. Essa ambivalência se expressa no escrutínio a que é submetida a razão negra, termo ambíguo que designa várias coisas a um só tempo. Ela consiste num conjunto de saberes, enunciados e disparates, cujo objeto são “a coisa” ou as pessoas de origem africana. Desde suas origens, configurou-se como uma atividade de fabulação, buscando inventar histórias e compor imagens. Da sua edificação, tomou parte uma gama de mediadores: sociedades



Por

PEDRO JAIME^{1,2}

pedrojaime@fei.edu.br

0000-0002-9292-220X

¹ Centro Universitário FEI, Programa de Mestrado e Doutorado em Administração, São Paulo, SP, Brasil

² Escola Superior de Propaganda e Marketing, Cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo, São Paulo, SP, Brasil

Pedro Jaime

eruditas, exposições universais, museus, coleções amadoras de “arte primitiva”. Trata-se, portanto, de uma constelação divergente, contraditória e mutante de discursos e práticas, de textos e rituais, que fazem surgir o negro como sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e instrumentalização prática. Ela é a consciência ocidental do negro, portanto violência.

Mas é mais que isso. É um gesto de autodeterminação, um modo de presença, uma utopia. Por meio dela, o negro diz de si mesmo ser aquele sobre o qual não se exerce domínio, aquele que não está onde se afirma estar, muito menos onde é procurado, mas sim onde não é pensado. Um ato moral de reescrita da história a partir de vestígios mobilizados para dar conta de experiências fragmentadas de um povo disperso por todos os cantos do mundo e lutando para se definir não como um compósito disparatado, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis por toda a superfície da modernidade. Uma definição que dê conta da sua capacidade de agência, da sua busca pela emancipação, pela passagem do estatuto de escravo ao de cidadão como e com os outros. Portanto, é também consciência negra do negro e, assim, potência.

Essas duas versões de um mesmo enredo se entrelaçam de maneira complexa. A segunda revela traços da primeira, expressa por vezes, inclusive, numa míope reivindicação de ruptura absoluta ou numa ardilosa reprodução. Debater a razão negra é, pois, retomar o conjunto de disputas acerca das regras de definição do negro. É a partir dessas disputas, reciclando violência em potência, que podem emergir novas maneiras de imaginar a identidade negra. “É um ‘negro’ aquele que, encurralado contra uma parede sem porta, ainda assim acredita que tudo acabará por se abrir.” Mas a narrativa não desliza para o discurso barato em torno da resiliência como saída individual para as desigualdades estruturais. Não se propõe virar a página, como tão apressadamente recomendam aqueles que resistem a encarar as feridas da humanidade. “A história deixou lesões e marcas profundas.” Ela foi, em grande parte, “um processo de habituação à morte do outro – morte lenta, morte por asfixia, morte súbita, morte delegada”. A crítica proposta não respeita linearidades, é dialética. Assim, afirma que “um corpo precisa ser capaz de se mover”. Ele “é feito, antes de mais nada, para se mover”.

Por tudo isso, o negro-potência traz uma mensagem de esperança. Ainda que ressalte que o colonizador se brutaliza por meio da sua própria brutalidade, Mbembe aposta num universalismo planetário. Este se expressa na utópica possibilidade “de cada ser humano e cada povo se erguer, de caminhar com os próprios pés, de escrever com seu trabalho, suas mãos, sua face e seu corpo sua parte da história deste mundo que todos temos em comum e do qual todos somos partes interessadas e herdeiros”. A aposta nada tem de ingênua. Ela não subscreve a ideia de que vivemos numa era pós-racial nem sugere uma via única para o combate antirracista. Ao interrogar por quais direitos os negros devem continuar a lutar, sinaliza: “Tudo depende do lugar em que se encontram, do contexto histórico em que vivem e das condições objetivas que se lhes apresentam”. E acrescenta: “Tudo depende também da natureza das formações raciais no seio das quais são chamados a existir”.

Mbembe aponta ainda que, “quaisquer que sejam os lugares, as épocas e os contextos, o horizonte dessas lutas continua a ser o mesmo: como pertencer de pleno direito a esse mundo que nos é comum? [...] Como tomar parte na constituição desse mundo e na sua partilha?”. E adverte que o combate precisa ser conduzido não de maneira separatista, mas em solidariedade com a própria humanidade, cujas múltiplas faces ele, o combate, deve fazer um esforço para reconciliar. E vai além: “Existe um só mundo, pelo menos por agora”. “Ele é um todo composto de mil partes. De todo o mundo. De todos os mundos.” Compartilhá-lo com outros viventes (animais, vegetais, moléculas, divindades, materiais, objetos, a terra que treme, os vulcões que se acendem, os ventos e as tempestades, as águas que sobem, o sol que brilha e queima), diante dos quais a humanidade se encontra numa posição singular, mas frágil, vulnerável e parcial, eis a dívida por excelência. Eis, sobretudo, a chave para a durabilidade tanto dos humanos quanto dos não humanos.”

Oxalá a dita civilização ocidental, aossada por tantas e diferentes crises (econômica, mas também social, ambiental, sobretudo moral e, por que não dizer?, espiritual), seja capaz de ouvir essa mensagem e, assim, se lançar numa crítica da razão branca. Quem sabe, então, possamos concretizar nossas melhores utopias.

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

O autor declara que realizou todas as etapas de desenvolvimento do texto. Desde a conceitualização e abordagem teórica-metodológica, a revisão teórica (levantamento de literatura) e, por fim, redação e revisão final da resenha.